

PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: OS ESPORTES ADAPTADOS NA ESCOLA PÚBLICA

Daniel Teixeira Maldonado¹

Daniel Bocchin²

RESUMO

Este estudo descreve a experiência de um projeto, nas aulas de Educação Física, cujo assunto tematizado foram os esportes adaptados. Realizado durante o primeiro semestre de 2012 para alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal localizada na zona leste do município de São Paulo, a pesquisa teve como enfoque as três dimensões do conteúdo. Na dimensão procedimental, os alunos vivenciaram adaptações de diversas modalidades esportivas para pessoas com deficiência física e visual. Na dimensão conceitual, foram realizadas aulas expositivas, análise de filmes, pesquisa, seminários e debates. Na dimensão atitudinal, foram realizadas discussões envolvendo as dificuldades que as pessoas com deficiência possuem para viver em sociedade e a mudança de postura das pessoas para que todos tenham a oportunidade de viver com qualidade de vida. Após a realização do projeto, os alunos construíram uma visão diferenciada dos esportes adaptados, compreenderam a história, as regras e as estratégias para participar dessas modalidades e refletiram sobre a importância de vivenciar outras manifestações da cultura corporal de movimento na escola pública.

Palavras-chave: relato de experiência, educação física escolar, esportes adaptados.

INTRODUÇÃO

A disciplina de Educação Física compõe o currículo escolar desde o século XIX. Desde a sua inserção na escola até os dias atuais,

Recebido para publicação em 05/2013 e aprovado em 08/2014.

¹ Doutorando do programa *Stricto-Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu (USJT) e docente da rede municipal de ensino de São Paulo.

² Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu (USJT) e docente da rede municipal de ensino.

a forma de se pensar e de aplicar as suas aulas foi alterada muitas vezes. Durante muitos anos essa disciplina na escola foi realizada como atividade curricular, em que os professores ministravam as suas aulas com intenções pedagógicas de formar equipes esportivas, melhorar a saúde dos alunos e/ou realizar atividades recreativas e divertidas.

Para González e Fensteseifer (2010), a Educação Física passou a ser considerada, nas últimas décadas, pelos acadêmicos e pela legislação um componente curricular. Dessa forma, essa matéria escolar possui a finalidade de formar pessoas com consciência crítica para agir com autonomia em relação às manifestações da cultura corporal de movimento e munir o sujeito de possibilidades de se tornar um cidadão.

Mesmo com a transformação da Educação Física Escolar de uma atividade curricular para um componente curricular, os professores, ao longo da história dessa disciplina, priorizaram os conteúdos quase em uma dimensão exclusivamente procedimental. Portanto, a discussão sobre a inclusão dos conteúdos conceituais e atitudinais é muito recente, e existem dificuldades na seleção e implementação desses conteúdos na realidade escolar. Além disso, muitas vezes, os professores que pretendem realizar um trabalho contemplando as três dimensões do conteúdo não encontram respaldo para trabalharem de acordo com essa proposta, além da resistência dos próprios alunos, que não estão acostumados com estratégias diferentes de aula (DARIDO, 2008).

Em uma visão contemporânea de educação, considera-se que os conceitos são somente um tipo de conteúdo. Juntamente com os aspectos conceituais, devem ser levados em consideração os outros tipos de conteúdos (procedimental e atitudinal). Todos os saberes que serão desenvolvidos dentro do contexto escolar podem pertencer a qualquer uma dessas dimensões dos conteúdos (COLL et al., 1998).

Após o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, começa-se a discutir com mais ênfase as três dimensões dos conteúdos nas aulas de Educação Física na escola. Assim, o papel desse componente curricular ultrapassou o ensino dos temas da cultura corporal como apenas seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental). O professor também necessita pensar nos conceitos que estão ligados aos procedimentos selecionados (dimensão conceitual) e nos valores e atitudes (dimensão atitudinal) que os alunos devem ter nas práticas corporais ensinadas (DARIDO et al., 2001).

Portanto, para evidenciar como é possível tratar uma manifestação da cultura corporal pensando nas três dimensões do

conteúdo, Darido e Souza Junior (2007) exemplificam como seria tratar o futebol dentro dessa lógica. Para esses autores, os professores na escola deveriam ensinar as técnicas e as táticas, abordar a sua presença na cultura, as suas transformações ao longo da história, as dificuldades da expansão do futebol feminino (causas e efeitos), a mitificação dos atletas de futebol, os grandes nomes do passado, a violência nos campos de futebol, entre outros temas que forem pertinentes para aquele contexto educacional.

Darido et al. (2001) também trazem um exemplo de a modalidade “basquete” ser ensinada com base nas três dimensões dos conteúdos. O professor deve estimular os alunos a entender quais são os benefícios de tal prática, o porquê de ainda hoje se jogar esse esporte e quais as relações desse esporte com a mídia televisiva. Assim, a vivência no ambiente escolar deve ser contextualizada, levando em conta as experiências prévias dos alunos.

A questão crucial é que, apesar da divulgação do campo acadêmico de uma nova forma de lidar com os conteúdos nas aulas, que prioriza a formação humana e, portanto, as questões de valores, atitudes, conceitos e procedimentos, bem como a apropriação de novos referenciais por parte dos professores, ainda se confronta com a dificuldade de operacionalização no contexto escolar.

Nesse sentido, tivemos como objetivo relatar uma experiência, numa escola pública, sobre um projeto de esportes adaptados, pautado nas três dimensões do conteúdo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo descritivo, no qual decidimos relatar uma experiência sobre a tematização dos esportes adaptados nas aulas de Educação Física com ênfase nas três dimensões dos conteúdos, em uma escola do município de São Paulo, localizada na zona leste, no bairro Vila Matilde, com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. As aulas foram ministradas durante o primeiro semestre de 2012. Apresentamos nesse relato os pontos positivos do projeto e as dificuldades enfrentadas para implementar essa proposta na escola pública. Durante as aulas, o docente utilizou um diário de campo para fazer anotações, tirou fotos e realizou gravações com os alunos nas dinâmicas propostas.

Relatos de práticas docentes são registros de atividades realizadas com os alunos, com o objetivo de construir conhecimentos. Neles deve transparecer a intenção do professor em cada atividade planejada, suas reflexões e observações ao longo do desenvolvimento da experiência. O caminho para alcançar cada objetivo precisa estar claramente expresso, para que os leitores, provavelmente outros professores, possam compreender o trabalho por inteiro. Os resultados alcançados e o modo como cada procedimento foi avaliado, retomado, revisto, refeito também precisam estar explícitos, de modo a propiciar elementos de análise para posterior reflexão e busca de caminhos, na perspectiva da melhoria contínua da educação oferecida na escola (DELMANTO; FAUSTINONI, 2009, p. 9).

Relatando a Experiência

Escolhemos trabalhar com esportes adaptados na escola por alguns motivos. Primeiramente, decidimos que um dos objetivos selecionados para compor o PEA no ano de 2012 foi trabalhar com as diferenças, pois os alunos não estavam respeitando os colegas, o que ocasionava alguns conflitos dentro e fora da unidade escolar. Em um levantamento inicial realizado com as turmas de 9º ano, percebemos que poucos discentes conheciam os esportes para pessoas com deficiência, e a maioria achava que eles não podiam e nem conseguiam realizar qualquer prática esportiva. Após esse diagnóstico, tivemos a ideia de propor vivências de alguns esportes para pessoas com deficiência visual e física, tentando proporcionar aos alunos situações em que eles sentissem as dificuldades que esses atletas possuem para praticar esses esportes. Também percebemos que os alunos comentavam muito sobre os esportes olímpicos, pois estávamos na época das olimpíadas de Londres, porém eles pouco falavam sobre os esportes paraolímpicos, pois não tinham tido a oportunidade anteriormente de assistir ou vivenciar qualquer uma dessas práticas esportivas.

Na intenção de trabalhar com enfoque nas três dimensões dos conteúdos, traçamos os seguintes objetivos para as aulas: analisar criticamente como o deficiente convive na sociedade atualmente; compreender os benefícios do esporte para pessoas com deficiência física e visual; vivenciar e criar possibilidades de jogos que se aproximem dos esportes para deficientes aprendidos, entender como surgiram os

esportes adaptados; modificar a postura em relação ao deficiente, desmitificando o entendimento de que essas pessoas não conseguem viver normalmente, mesmo com as suas limitações; e modificar a postura em relação às diferenças existentes entre todas as pessoas.

A seguir, explicaremos as dinâmicas propostas para os alunos durante as aulas de Educação Física. Primeiramente, descreveremos as experiências que estiveram relacionadas com a dimensão procedimental, logo após, com a dimensão conceitual, e, para finalizar, com a dimensão atitudinal dos conteúdos da temática selecionada. Importante ressaltar que essa separação das experiências obtidas em aula foi sistematizada apenas para melhor compreensão do leitor. No complexo do cotidiano escolar, esses aprendizados ocorreram ao mesmo tempo, de acordo com cada dinâmica que estava sendo realizada.

Dimensão Procedimental

Iniciamos as aulas propondo atividades em que os alunos vivenciaram alguns esportes para pessoas com deficiência física e visual; contudo, antes de praticar esses esportes, criamos as vendas com EVA e utilizamos uma tala médica para prendê-las nos rostos dos alunos. Propomos que os adolescentes ficassem em dupla e que cada um cuidasse do outro durante as aulas, pois uma pessoa ficava vendada e a outra não. A primeira atividade realizada foi andar pela escola de olhos vendados, guiado pelo parceiro. Esse momento não foi tranquilo, pois a nossa unidade escolar possui dois andares com escadas, e todos tiveram que subir e descer essas escadas durante essa vivência.



Figura 1 - Alunos de olhos vendados andando pela escola.

Após esse primeiro momento, realizamos jogos que se aproximaram dos esportes para deficientes visuais, como o goalball, o futebol para deficientes visuais, o judô para deficientes visuais e as provas de corrida para deficientes visuais. Em todas as vivências, sempre um dos alunos ficava vendado e o outro ajudando essa pessoa. Em um determinado momento da aula trocávamos as funções, com a intenção de todos vivenciarem os esportes.

A bola do goalball foi adaptada com uma bola de basquete envolvida em um plástico, pois assim, toda vez que o material encostava-se ao chão, emitia um barulho para os alunos tentarem impedir o gol. Para jogar o futebol para deficientes visuais foi utilizada a mesma bola. No judô para deficientes visuais, colocamos alguns colchonetes no chão; dois alunos ficavam vendados e de joelho nesse material, e aquele que conseguisse encostar as costas do colega no chão primeiro era vencedor do combate. As corridas para deficientes visuais foram realizadas com um aluno de olhos vendados de mãos dadas com alguém que não estava vendado; colocávamos cinco duplas na linha de fundo da quadra, e eles tinham de correr até o final do espaço e voltar onde eles começaram. Quem terminasse o percurso primeiro era o vencedor.



Figura 2 - Alunos vivenciando o judô para deficientes visuais.



Figura 3 - Alunos vivenciando o goalball.

Os jogos que se aproximavam dos esportes para deficientes físicos foram: o vôlei sentado, a esgrima para deficientes físicos, as provas de arremesso do atletismo para deficientes físicos e o basquete para deficientes físicos. Os alunos participaram da construção desses jogos, pois nós propúnhamos uma forma de jogar os esportes adaptados, e os adolescentes modificavam o jogo de acordo com o que eles acreditavam, sempre com a intenção de tornar a dinâmica com maior proximidade do esporte realizado no alto nível.



Figura 4 - Alunos realizando o vôlei para deficientes físicos.

Nossa maior intenção nesse momento era proporcionar aos alunos experiências com os esportes adaptados, no intuito de que eles conhecessem essas modalidades esportivas, sentissem a dificuldade que as pessoas com algum tipo de deficiência possuem para realizar esportes e desenvolvessem maneiras de tornar os jogos mais próximos daquele realizado no alto nível.

Dimensão Conceitual

Realizamos algumas aulas expositivas com os alunos, as quais envolviam a história dos esportes adaptados. Comentamos que algumas dessas modalidades esportivas tiveram início após as grandes guerras, na tentativa de auxiliar os combatentes que sobreviviam e voltavam para os seus lares com problemas de ordem motora. Após essa primeira explicação histórica, dividimos os alunos em duplas, e cada grupo realizou uma pesquisa sobre um esporte adaptado que foi selecionado por nós. Os discentes tinham que pesquisar a história daquele esporte e as principais regras, elaborar essas informações em formato de cartaz e ministrar um seminário para o restante da turma nos dias marcados. O restante dos alunos anotava as informações mais importantes sobre os esportes que eram abordados nas apresentações.



Figura 5 - Alunos realizando os seminários sobre esportes adaptados.

Os alunos pesquisaram sobre o goalball, futebol para deficientes visuais, rúgbi em cadeira de rodas, judô para deficientes visuais, natação para deficientes físicos e visuais, atletismo para deficientes físicos e visuais, vôlei sentado, basquete em cadeira de rodas, tênis em cadeira de rodas e esgrima para deficientes físicos.

Após as apresentações e as vivências realizadas na quadra, assistimos a um filme chamado “Murderball: paixão e glória”. Nesse momento, discutimos sobre a modalidade esportiva adaptada em questão e também refletimos sobre as possibilidades de as pessoas com necessidades especiais realizarem as atividades cotidianas (dirigir, trabalhar, relacionar-se, arrumar a casa, divertir-se, etc.). Outro ponto levantado nesse momento foi se a realização de esportes pode ajudar as pessoas com deficiência física e visual. O filme mostrava como os atletas conseguiam ter mais autonomia para realizar as atividades diárias devido aos benefícios da realização dos esportes. Também foi mostrado que muitas dessas pessoas fazem do esporte uma profissão e competem em alto nível a fim de conseguir resultados expressivos para os seus países.

Nossa última atividade com a intenção de ensinar conceitos sobre a temática trabalhada foi refletir sobre a realidade vivenciada diariamente pelas pessoas com deficiência. Perguntamos aos alunos se as calçadas estão adaptadas, se o transporte público está adequado, se a escola possui infraestrutura adequada para receber alunos com algum tipo de deficiência e se as pessoas possuem preconceito.

Dimensão Atitudinal

Após vivenciar algumas modalidades esportivas para pessoas com deficiência e discutir sobre a realidade vivenciada diariamente por essas pessoas, queríamos que os discentes enxergassem que todos os seres humanos possuem possibilidades de viver de diferentes formas e que aqueles indivíduos que possuem necessidades especiais são parecidos com qualquer outra pessoa, tendo limitações diferentes. Começamos a perguntar aos alunos o que eles sentiam quando praticavam os esportes vendidos e sentados. As respostas que apareceram foram: medo, insegurança, não conseguir se localizar, valorizar a visão, preconceito e dependência. Então perguntamos: O que poderíamos fazer para melhorar o cotidiano das pessoas com

deficiência? Pedimos também para que os alunos escrevessem um texto preterindo essas mudanças e criando leis que melhorassem a vida das pessoas. A seguir, trechos dos textos de alguns alunos:

Aluno 1 – Na sociedade, o deficiente sofre muitos desafios, desde o preconceito até a exclusão social. Essas pessoas precisam encarar a infraestrutura inadequada das cidades todos os dias (buracos nas ruas, entre outras coisas). Para melhorar a vida desses cidadãos eu proponho que exista um semáforo sonoro obrigatório, calçadas e ruas adaptadas e espaços adequados no transporte público.

Aluno 2 – Projetos de lei para pessoas com deficiência já existem, mas poucos são eficazes. Leis que eu implantaria na sociedade são: Todo estabelecimento comercial teria que estruturar uma ou mais entradas para deficientes físicos, com rampas ou passarelas e faróis sonoros para ajudar os deficientes visuais. Aqueles que não respeitarem as regras terão que pagar uma multa.

Aluno 3 – Os deficientes possuem muita dificuldade para trabalhar e se locomover de um lugar para outro. Por esses problemas eu implantaria uma lei que obrigasse todos os meios de transporte a deixarem espaços adequados para as pessoas com necessidades especiais e deve haver uma reforma nas calçadas e avenidas da cidade.

Pensando ainda na dimensão atitudinal dos conteúdos, durante as nossas observações e anotações no diário de campo, percebemos que os alunos iniciaram o projeto com pouca seriedade e, com o passar do tempo, começaram a sentir as dificuldades que as pessoas com deficiência física e visual sentem, interessando-se mais pelas aulas e modificando a sua postura. Em muitas aulas, os alunos comentavam que iam a mercados, cinemas, estádios de futebol e não conseguiam ver uma estrutura adequada nesses locais, mas também falaram que foram a um passeio na Sala São Paulo com o professor de Português e identificaram diversas adaptações para cidadãos com necessidades especiais. Um dos alunos também relatou que ajudou um deficiente visual da forma que aprendeu nas aulas; a mãe de outro aluno possui deficiência física, e ele pode ajudar durante as aulas com seus relatos.

Dificuldades encontradas para realizar o projeto

Tivemos algumas dificuldades durante a realização desse projeto. Primeiramente, os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental tinham outro tipo de aula nos anos anteriores e estavam acostumados apenas a praticar os esportes que queriam nas aulas de Educação Física. Construímos uma prática pedagógica diferenciada, com muitos acordos e conversas. Das três turmas que participaram do projeto, apenas uma tinha aula em anos anteriores com a gente. Essa construção foi realizada com muitos conflitos, pois os meninos queriam jogar futebol e as meninas não queriam fazer aula ou realizar brincadeiras como queimada e rodas de vôlei. No nosso acordo, ficou decidido que após o término do projeto os alunos teriam uma semana de aulas, em que poderiam realizar as práticas corporais que eles mais gostassem.

Não possuíamos os materiais específicos para realizar as modalidades esportivas adaptadas propostas. Portanto, adaptamos uma bola de basquete com plástico para fazer o goalball; utilizamos bola de papel para realizar os arremessos do atletismo; pedimos para os alunos trazerem patins e skates para realizar uma adaptação do basquete em cadeira de rodas; e construímos a venda com EVA e amarramos esse material com uma faixa médica nos olhos dos alunos, para que eles não pudessem enxergar na realização dos esportes para pessoas com deficiência visual.

Rodrigues e Darido (2008) também mostraram que uma professora que leciona para turmas do 6º ano do ensino fundamental com enfoque nas três dimensões do conteúdo possui problemas para trabalhar com questões conceituais, procedimentais e atitudinais, devido à resistência dos alunos em realizar qualquer atividade proposta que não fosse futebol.

Matthiesen et al. (2008) realizaram um relato de experiência que versou sobre o ensino do atletismo, enfatizando os saberes de atitudes, procedimentos e conceitos, e também encontraram dificuldades relacionadas com a falta de material, a indisciplina escolar, o desinteresse e apatia de alguns discentes e a agressividade de outros alunos.

Barroso e Darido (2010) realizaram um pesquisa-ação com o objetivo de implementar e avaliar uma proposta de voleibol na escola pública, pautada pelas três dimensões do conteúdo. Embora os

professores tenham conseguido implementar um trabalho de qualidade, surgiram diversas dificuldades: falta de espaço físico, falta de material disponível, desvalorização da disciplina de Educação Física e desconfiança por parte dos professores das outras disciplinas e da direção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do projeto, identificamos que muitos alunos conseguiam compreender melhor os esportes adaptados, conhecendo um pouco da sua história, das regras e as estratégias utilizadas para praticar essas modalidades. Também observamos que muitos deles gostaram de participar do projeto, até mesmo aqueles que queriam apenas jogar futebol ou realizar outros tipos de brincadeira.

Acreditamos que muitos alunos modificaram a sua visão em relação às pessoas com algum tipo de deficiência. Percebemos que antes do projeto os discentes acreditavam que essas pessoas não conseguiam fazer atividades cotidianas e muito menos praticar esportes, mas, ao finalizar as aulas, essa percepção já tinha mudado e havia vontade de melhorar as condições de vida para que todos pudessem viver em harmonia – vontade essa exposta nos textos criados pelos alunos.

Não podemos afirmar que esse projeto diminuiu a violência e o preconceito entre os alunos, foco inicial das nossas preocupações e um dos objetivos do PEA da nossa escola, mas temos clareza de ter provocado reflexões iniciais nos alunos no sentido de diminuir toda a agressividade e a violência entre eles na vida escolar cotidiana.

Foram muitas as dificuldades encontradas durante a realização das aulas com esses alunos. Para superar esses problemas, tivemos que ter força de vontade para criar materiais alternativos e paciência para lidar com a resistência dos alunos frente ao novo conteúdo, pois não estavam acostumados com esse tipo de aula na disciplina de Educação Física.

Sugerimos que outros professores que estão atuando na escola e trabalham com as três dimensões do conteúdo durante as aulas de Educação Física também contem as suas experiências e as dificuldades vivenciadas, com a intenção de criar uma rede de docentes

que realizam um trabalho diferenciado e de se ajudarem na sua formação continuada, pois a troca de experiência entre os profissionais que atuam na escola é de extrema importância para que possamos aprender com os colegas, avaliar as nossas limitações e aprimorar cada dia mais a nossa prática pedagógica.

ABSTRACT

PEDAGOGICAL PRACTICE DIFFERENTIATED IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: ADAPTED SPORTS IN PUBLIC SCHOOL

This study describes the experience of a project, in Physical Education classes, in which the subject themed was the adapted sports. The study was held during the first half of 2012 for students of 9th grade of elementary education at a public school located on the east side of São Paulo, the research focused on the three dimensions of content. In the procedural dimension, students experienced adaptations of several sports for people with physical and visual disabilities. In the conceptual dimension, expository classes were held, film analysis, research, seminars and debates. In the attitudinal dimension, discussions were held involving the difficulties that people with disabilities have to live in society and the change of attitude of people so that everyone has the opportunity to live with quality of life. After doing the project, students built a differentiated view of adapted sports, understood the history, rules and strategies to participate of these sports and reflected about the importance of experiencing other manifestations of the Corporal Culture of Movement in public school.

Keywords: case report, school physical education, adapted sport.

REFERÊNCIAS

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Voleibol escolar: uma proposta de ensino na dimensão conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. **Revista Brasileira de Educação Física e esporte**, v. 24, n. 2, p. 179-194, abr/jun. 2010.

COLL, C.; POZO, J. I.; SARABIA, B.; VALLS, E. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 64-79.

DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA e SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES, L.; PONTES, G.; CUNHA, F. A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, jan-jun, 2001.

DELMANTO, D.; FAUSTINONI, L. E. Os relatos de prática e sua importância no processo de produção e socialização do conhecimento. In: GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Reorientação curricular do 6º ao 9º ano: currículo em debate – Relatos de Práticas Pedagógicas**. Goiânia: SEE/GO, 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas para o não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 10-21, mar. 2010.

MATTHIESEN, S. Q.; SILVA, M. F. G.; SILVA, A. C. L. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 1, p. 96-104, 2008.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. As três dimensões do conteúdo na prática pedagógica de uma professora de Educação Física com Mestrado: um estudo de caso. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 51-64, 2008.

Endereço para correspondência:

Estrada Velha da Penha, 265, bloco 4, apto 41

03090-020 São Paulo - SP

E-mail: danielmaldonado@yahoo.com.br